



A IMERSÃO NA MODALIDADE EJA

Immersion in the eja modality

Victor dos Santos Queiroz¹

Jediã Ferreira Lima²

Alberto Noronha Ramos³

Resumo

O relato a seguir ambientará e levantará questões referentes à modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais especificamente, relatará a minha ida como egresso da Pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, ao Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CEMEJA) Samuel Isaac Benchimol, com o intuito de acompanhar os alunos e vivenciar os conhecimentos docentes adquiridos na sala da universidade. Buscando evidenciar a importância de dedicar tempo e disposição para reavaliar o sistema de ensino, principalmente nesta modalidade que acaba sendo negligenciada muitas vezes.

Palavras-chave: Relato de experiência; Educação de Jovens e Adultos; Pós-graduação.

Abstract

The following report will ambience and raise questions regarding the teaching modality of youth and adult education (EJA), more specifically, it will report my trip, as a graduate of the postgraduate course in Project Management and Teacher Training, to the Municipal Education Center of Young People and Adults (CEMEJA) Samuel Isaac Benchimol, with the aim of accompanying students and experiencing the teaching knowledge acquired in the university classroom. Seeking to highlight the importance of dedicating time and willingness to reevaluate the education system, especially in this modality that often ends up being neglected.

¹ Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Egresso na Pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA); E-mail: vdsq.ppf21@uea.edu.br

² Mestrado em Educação; Professora e Pesquisadora do LEPETE/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED. E-mail: jedylima@hotmail.com

³ Professor Orientador; Pedagogo e Formador da Secretaria Municipal de Educação-Manaus SEMED/DDPM/OFS; Professor Pesquisador do LEPETE-UEA/CNPq; E-mail: alberto.ramos@semed.manaus.am.gov.br



Keywords: Experience report; Youth and Adult Education; Postgraduate.

Introdução

Relatar esta experiência foi decidido a partir do que vivenciei, não só como profissional, mas principalmente, como um ser humano que busca sempre o aprendizado, apesar das dificuldades. Entender e respeitar o aluno da EJA torna-se indispensável para a prática docente nesta modalidade, visto que, muitos trazem suas experiências pessoais e profissionais para a sala de aula, contribuindo assim, com suas aprendizagens.

Pude perceber que a grande maioria dos alunos que compareciam às aulas noturnas vinha diretamente do trabalho, muitas vezes, cansados e estressados. Algumas vezes que estive na escola como assistente docente, não houve aula por algum motivo de estrutura, assim como já desenvolvi atividades de Assistência à Docência para apenas um aluno. Dessa forma, o docente responsável por uma turma nessa modalidade precisa levar em consideração muitas questões sociais externas para desenvolver suas atividades.

Assim, acredito que os alunos enfrentam muitas dificuldades, que vão desde a infraestrutura da escola até às atividades, que em certos momentos, promovem pouco desenvolvimento do protagonismo dos mesmos. Muitos alunos, após conversas em sala de aula, dizem estar buscando melhorias em suas vidas, portanto, possibilitar um ensino que parte das necessidades deles se torna indispensável, pois apresentam uma visão de mundo bem complexa e a maioria está disposta a se entregar ao saber.

Com isso, buscarei não apenas tratar dos problemas encontrados nessa modalidade de ensino na referida escola, mas apresentar possíveis caminhos que, ao meu ver, reforçarão o trabalho docente e ajudarão na aprendizagem dos estudantes. Através do meu relato de experiência buscarei constatar que a EJA se encontra em



um lugar pouco aproveitado dentro do contexto escolar, no entanto, não deixo de destacar seu grande potencial na educação em geral.

Contextualizando meu “eu” docente na EJA

No curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, a maioria dos discentes são professores ativos na rede pública de ensino, no meu caso, sou discente vindo diretamente da graduação. No entanto, experienciei a sala de aula como assistente docente (AD), egresso através do Programa Assistência à Docência (PAD), que é do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o qual tem como objetivo propor uma experiência aos discentes da universidade dentro da sala de aula, enquanto os professores titulares das turmas estão na aula da Pós-graduação. Assim, os AD assumem a turma para dar continuidade às atividades deixadas pelo professor e/ou ministrar algum conteúdo específico. Nesse caso, pude vivenciar os conceitos adquiridos nas aulas da Pós-graduação, através do PAD, como AD egresso na EJA no período noturno.

Houve muitas dificuldades para estar presente na contrapartida - momento em que o AD egresso assumia a sala de aula enquanto os professores estavam estudando - devido ao meu tempo que estava trabalhando em outro local durante o dia, mas fazia o possível para chegar antes do horário marcado e preparar-me para desdobrar/ressignificar as atividades propostas pelos professores responsáveis pela turma. Para isso, era preciso resgatar todas as estratégias aprendidas nas salas da especialização, da graduação e, principalmente, resgatar meu conhecimento de mundo para realizar uma ligação entre as disciplinas e os conhecimentos dos alunos, os quais eram de extrema riqueza. Geralmente, as atividades eram genéricas e descontextualizadas da realidade dos estudantes, mas, em consenso com os próprios alunos, adaptávamos para uma aprendizagem mais significativa, levando em



consideração seus conhecimentos de mundo, “em geral adquiridos de modo informal por sua experiência de vida acumulada na família, na comunidade ou no trabalho” (Aoki, 2013, p. 07).

Destaco, que antes do ingresso na pós fui AD no período da graduação e adquiri experiência em todas as turmas do ensino fundamental anos iniciais e anos finais. Através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), consegui também vivenciar experiências em todas as turmas do ensino fundamental anos finais como professor. E com o estágio supervisionado obrigatório na grade curricular da graduação, pude vivenciar a sala de aula do ensino médio. Desse modo, com minha breve experiência na docência, pude perceber uma grande diferença entre o ensino regular e a EJA, não só devido ao vasto conhecimento de mundo dos alunos, mas também em seu sistema de organização.

Conhecendo os alunos da EJA

Cada modalidade de ensino possui suas características e com a EJA não é diferente. Como o próprio nome diz, os jovens e adultos tentam finalizar sua escolaridade por diversos motivos e razões, por isso, esse público se torna bastante interessante e rico em conhecimentos de mundo. Muitos já trabalham, outros buscam ingressar no mercado que exige a escolaridade, e em todos os casos não podemos excluir o indivíduo do processo de aprendizagem, com isso, o professor da EJA precisa mediar uma troca com o aluno, pois “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1997, p. 25).

Nessa perspectiva, trazendo o protagonismo do aluno, nós como professores, conseguimos não apenas chamar sua atenção, mas formular atividades que serão significativas para o seu desenvolvimento na sociedade. Podemos fazer isso de diversas formas, deixando que o aluno fale, expresse seus anseios e vontades, conhecendo a pessoa que ele é, buscando aprender mais. O fazer pedagógico se dá



pelo diálogo, ou seja, tanto o professor quanto o aluno devem falar, deixando de lado o monólogo onde apenas um detém o conhecimento (Arroyo, 2005, p. 35).

Com base no exposto, apresentarei a seguir os alunos que fizeram parte da minha experiência como AD egresso. Localizado no bairro São José Operário, da cidade de Manaus (AM), o Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CEMEJA) Samuel Isaac Benchimol funciona nos três turnos com a referida modalidade, e eu atuava no noturno, turno em que tinha disponibilidade para partilhar meus conhecimentos. Frequentava a escola a cada 15 noites, período em que os professores participavam das aulas presenciais e deixavam as atividades pré-programadas para serem desenvolvidas, mas sempre, eu e os outros colegas AD, fazíamos os desdobramentos das mesmas para a aula.

Apesar de algumas vezes, após minha chegada à escola, não ter tido aula por alguns motivos, pude perceber algumas características claras dos alunos. A grande maioria era da fase adulta e vinha direto do trabalho, descobri isso após uma conversa em sala. Era unânime o silêncio durante as aulas e muitos não se sentiam à vontade para falar quando eram solicitados. Também era perceptível a dificuldade em interpretação textual. Geralmente eu ficava com as turmas da 4ª fase, equivalente ao 6º e 7º ano e da 5ª fase, equivalente ao 8º e 9º. ano do Ensino Fundamental. A dificuldade principal era a questão da não participação dos alunos no começo, provavelmente por não estarem acostumados com novos professores e suas metodologias, ou por não terem a oportunidade de participar mais efetivamente das aulas nos outros dias, ou simplesmente pelo cansaço, mas isso foi algo que foi melhorando no decorrer de nossos encontros.

Relatando as noites na EJA

Como já mencionado, a minha escolha para a contrapartida foi no turno noturno, pois nunca havia dado aula para a EJA e trabalhava durante o dia. Comecei



a ir para a EJA por volta do final do ano de 2021, quando ainda estávamos saindo do cenário caótico da pandemia da Covid-19. Logo no início, como meu trabalho diurno era localizado no Bairro Adrianópolis, não ficava longe para eu me locomover até a Escola Normal Superior (ENS) para pegar a van - o LEPETE disponibiliza transporte para levar os AD da universidade até a escola. Após um certo tempo, comecei a ir direto do trabalho para a escola, o que era um pouco desafiador, já que não tinha transporte próprio, locomovia-me com transporte coletivo. Saía do trabalho às 18h para estar no CEMEJA às 19h. Algumas vezes fazia um lanche no trabalho, outras vezes comia a merenda disponibilizada na escola, a qual era de boa qualidade. Era cansativo o caminho até a escola devido à distância e ao trânsito, mas nunca cheguei atrasado.

Algumas vezes fui dispensado assim que chegava na escola por falta de turmas, algumas, pelo fato de o professor responsável pela turma não estar na aula da pós - não era permitido assumirmos a sala de aula se o professor titular não estivesse presente na escola - ou então, todos os alunos faltavam, pois a quantidade de alunos por turma era pouca.

Assim, quando eu chegava à escola, o primeiro passo era falar com a professora Coordenadora do PAD para saber com qual turma cada um ficaria. Geralmente eu ficava com duas turmas diferentes e os tempos de aula variavam. Era comum ficar mais de um AD em sala de aula, na maioria das vezes, ficavam eu e mais um colega, mas ocorria de ficarmos em trio também. Após nossa distribuição nas turmas, íamos até o professor responsável pela turma para nos passar as atividades programadas para aquele dia. As atividades, em sua grande maioria, continham um texto e perguntas relacionadas a ele e, geralmente, eram atividades pouco contextualizadas com os cotidianos dos alunos. A partir dessas atividades, tínhamos a liberdade de partilhar os conhecimentos que obtivemos em sala de aula como discentes.



Com as atividades em mãos, nos reuníamos para planejar os desdobramentos e ressignificá-las. Como as áreas de formação dos colegas eram variadas, nem sempre ficávamos com a disciplina referente a nossa graduação, por exemplo, como professor de Língua Portuguesa, nem sempre eu ficava com a disciplina correlata, mas obrigatoriamente cada equipe deveria ter pelo menos um pedagogo. Muitas vezes fiz desdobramentos nas disciplinas de História, Geografia e, até mesmo, Ciências. Foi uma experiência muito interessante, pois pude perceber a transdisciplinaridade na sua mais pura forma e sua complexidade “transforma nosso olhar sobre o individual, o cultural e o social, remetendo para a reflexão respeitosa e aberta sobre as culturas do presente e do passado” (Sommerman, 2002, p. 9-10).

Dessa forma, após a distribuição das turmas e as atividades revisadas, os AD se dirigiam às salas de aula. No primeiro encontro, a professora titular nos levava até a sala para nos apresentar, e ela se dirigia a sua aula da Pós-graduação e nós ficávamos responsáveis pela sala definitivamente. A quantidade de alunos variava, muitos faltavam, muitos iam embora cedo, quando tínhamos os últimos tempos da noite. Por se tratar de pessoas com mais maturidade o silêncio era comum, mas o problema acabava sendo justamente esse algumas vezes, pois também permaneciam em silêncio quando solicitávamos a participação, era preciso insistir para que comessem a se expressar oralmente.

Em uma turma da 5ª fase, em um determinado dia estavam presentes quase todos os matriculados. A atividade era sobre fábulas e como exemplos tínhamos o “Leão e o Ratinho” e a “Raposa e as Uvas”. Antes de começarmos as questões, perguntamos se eles preferiam ler sozinhos ou se faríamos a leitura e interpretação coletiva, escolheram a leitura individual, mas fizemos a interpretação juntos. A interpretação dos alunos era um pouco limitada, então decidimos por realizar questões norteadoras. A princípio, não queriam falar muito, mas, com o passar do tempo e



nossa insistência começaram a dar suas opiniões e citar exemplos das suas vidas que se assemelhavam à moral da história.

A conversa que surgiu referente ao tema das fábulas foi bem produtiva e serviu para os alunos se sentirem mais à vontade conosco. O primeiro tempo, de 45 minutos, finalizou e precisávamos realizar as questões da atividade. As 5 primeiras perguntas eram referentes à interpretação das fábulas, as outras 5 eram referentes à gramática, mais especificamente, às classes gramaticais. Mas uma vez, os alunos optaram por responder às perguntas sozinhos e depois corrigimos juntos. Começamos a correção do questionário e como já havíamos debatido anteriormente sobre o tema das fábulas, as primeiras questões foram mais rápidas.

A última parte do questionário foi um pouco mais trabalhosa, pois os alunos apresentaram muita dificuldade com relação às classes gramaticais. Explicamos o conceito rapidamente das classes que estavam sendo solicitadas, como os advérbios, e respondemos juntos. Devido ao término do tempo, não conseguimos corrigir todas as questões, mas finalizamos tendo a certeza de que os alunos aprenderam o que foi socializado e fizeram parte desse aprendizado ativamente.

Outra situação marcante ocorreu algumas semanas depois. Em uma quinta-feira, após a divisão das turmas e as atividades recebidas, eu e mais dois colegas AD fomos para a turma no tempo da disciplina de Geografia. Para a nossa surpresa, havia apenas um aluno presente. Nos apresentamos normalmente para ele e explicamos como seria a atividade. A atividade era relacionada às regiões do Brasil e suas principais características, contendo um texto como base e o questionário logo a seguir. Primeiramente, ele leu o texto sozinho e depois lemos juntos para a discussão sobre o tema, demonstrando com imagens pesquisadas no aparelho celular os tipos de vegetação.

Entre nós professores, a maior dificuldade foi definir o momento em que cada um iria falar, pois muitas vezes um interrompia o outro, mas ao final o aluno nos



agradeceu pela atenção, disse que gostou muito da nossa explicação e que gostaria que retornássemos.

Chegando ao fim do último tempo de aula, por volta das 22h, liberávamos os alunos. Algumas vezes, deixávamos os alunos saírem mais cedo devido à periculosidade do bairro em que fica a escola. Após a saída dos alunos, íamos para o refeitório da escola esperar os professores saírem da aula da pós. E assim, com os professores, passávamos tudo o que foi feito durante a aula e o que faltou ser feito. Com tudo repassado, a mesma van que trazia os alunos da universidade para a escola levava de volta também. Geralmente eu ia com a van, pois a universidade ficava mais próxima de minha residência.

Considerações finais

Um grande destaque a ser feito refere-se à gestão e ao corpo docente do programa de Pós-graduação do LEPETE. Desde minha graduação faço parte do PAD e graças a ele consigo afirmar que minha formação acadêmica é mais completa. Já na especialização, pude conhecer a fundo esse programa que gera cada vez mais professores mais qualificados para a realidade da escola, pois une perfeitamente a teoria com a prática, possibilitando uma rede educacional mais cooperativa.

Nesse sentido, a experiência relatada pode ter sido curta comparada aos anos que são vivenciados por diversos professores titulares, mas afirmo que foi extremamente importante para o processo de desenvolvimento de minha formação. O valor da minha atuação nestes meses na EJA não pode ser medido em palavras, pois me sinto mais preparado para entrar na minha futura sala de aula com o aprendizado adquirido nesse começo, e estou preparado para formular novos processos de aprendizado, agindo como um professor em constante evolução.

É fato que a EJA marcou minha carreira profissional em construção, mas também transformou minha visão como ser humano. Aprendi a importância de se



colocar no lugar do outro, pois os alunos não são apenas ouvintes, eles possuem falas e experiências tão importantes quanto as do professor. Com este relato, busco mostrar que devemos olhar mais para essa modalidade de ensino, não com julgamentos, mas com um olhar acolhedor. Os jovens e adultos que buscam finalizar seus estudos merecem também um ensino de qualidade, com professores preparados para lidar com a inclusão e a diversidade em seu mais amplo significado.

Com o exposto, busco incentivar os docentes iniciantes a buscarem mais conhecimentos relacionados a esta modalidade de ensino, pois ela necessita de professores atuantes e comprometidos com o fazer político pedagógico. Estas mudanças não ocorrem do dia para a noite e precisam de muito esforço e dedicação.

Desse modo, a mudança deve partir da universidade, buscando formar profissionais mais qualificados por meio da inserção nas escolas, sem excluir a EJA, assim como tive a oportunidade e o privilégio de vivenciar a verdadeira escola e, apesar de pouco, ter feito a diferença.

Referências

AOKI, Virgínia. **Educação de jovens e adultos**: alfabetização. São Paulo: Moderna, 2013.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 35.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SOMMERMAN, Américo; MELLO, Maria F.; BARROS, Vitória M. (orgs.). **Educação e transdisciplinaridade II**. Coordenação Executiva do CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002, p. 9-10.